

TEODORO FERRAZ DA CÂMARA

Proprietários: Filhos de José Bernardo da Silva

História de Rosa de Milão



Teodoro Ferraz da Câmara

Prop. Filhos de José Bernardo da Silva

—HISTORIA DE—
Rosa de Milão

Num afarrabio francês
foi esta lenda encontrada
o caso foi doloroso
a cena foi complicada
foi falso duma madrasta
e o sofrer duma entiaida

Numa cidade da Italia
denominada Milão
residia um alfaiate
chamado Paulo Bairão
casado segunda vez
com uma fera dragão

Alvina era seu nome
mulher perversa e malvada
nunca concebeu um filho
enquanto viveu casada
mas casou com esse velho
encontrou uma entiaida

Chamava-se ela Rosa
uma moça sem maldade
tinha um irmão Américo
com vinte anos de idade
viviam esses dois manos
na mais perfeita amizade

Alvina a madrasta deles
era igualmente um dragão
falsa, cruel e assassina
colérica como um leão
fingida como a serpente
um ente sem coração

Que por sua casa Rosa
andou nos braços da morte
teve prisão, sofreu muito
casou, mas não teve sorte
foi degredada nos montes
onde sua dor foi forte

Rosa como já dissera
vivia com seu irmão
num paraíso de amores
num berço de união
honestos como dois anjos
num grêmio de perfeição

Alvina a cruel madrasta
cheia de tanto rancor
por ver tão fina amizade
ir aumentando o calor
dizia sempre: eu acabo
com esta força de amor

Um dia formou um quengo
foi a uma redação
anunciou que a entia da
estava grávida do irmão
no outro dia bem cedo
• jornal fez transmissão

O velho marido dela
que assinava jornal
caiu de arrôjo na história
anunciada atinal
vendo que lhe complicava
logo imperou contra o mal

Alvina vendo o perigo
e que seria atacada
disse a Paulo Bairão:
a tua filha estimada
está grávida do irmão
eu provo e não estou errada

Alvina; lhe disse o velho
eu juro não ser verdade
pois vejo minha filhinha
tão cheia de castidade
zelando a sua inocência
sem luxo e sem vaidade

Zombar irmão com irmão
isto é próprio da infância
não só ela como todos
que amam irmão com ânsia
provém a mesma amizade
isento de traficância

Pois é, respondeu Alvina
eu serei a mentirosa
tem que a coisa correr risco
eu serei a rancorosa
mais tarde voce verá
leu sair vitoriosa

Pali saiu como um cão
que desconfia do dono
pensado no que fazia
a noite não teve sono
dizia: eu faço a desgraça
em troca do abandono

Com quatro dias depois
da cena já decorrida
na refeição do jantar
ela botou na comida
uma porção de veneno
depois botou na bebida

Estando a mesa já posta
sentou-se ali o marido
só não sentou-se o rapaz
por há ter pouco saído
quando voltou já achou
o lastimoso ocorrido

Alvina também ali
como doente prostrada
fazendo os maiores termos
mostrando-se envenenada
o velho já falecido
a moça desfigurada

O rapaz estupefato
bradou naquele clamor
vendo a irmã na última
morte seu progenitor
saiu dali como um doido
chamar com pressa o doutor

O doutor olhou e viu
o mal que reinava ali
disse ao rapaz: é veneno
toda desordem daqui
e esta mulher fingida,
nada de mais tem em si

Ali deu remédio a moça
e baixo disse ao rapaz
—havemos de ser enérgicos
nas tragédias desta audaz
hoje não, está de noite
amanhã tudo se faz

Ela que estava escutando
a cochichada conversa
disse: já estou desgraçada
minha alma já submersa
vou-me evadir pelo mundo
a cousa vai ser vice-versa,

O doutor chegou em casa
do mesmo mal faleceu
porque antes de sair
uns goles d'água bebeu
estava tocada as águas
não teve jeito, morreu

Ficou a cousa em caminho
porque quem deslindaria?
era somente o doutor
e outro não mais sabia
quando procuraram Alvina
já em outras terras vivia.

A justiça fez esforço
nessa negra confusão
não podendo deslindrar
foi o rapaz para a prisão
a irmã como criada,
o juiz passou a mão

Ficou Rosa nessa casa
condenada ao sefritamento
trabalhando dia e noite
por um mirrado sustento
sem liberdade, sem paz,
num cárcere sanguinolento

Na casa era inumbida
de todo cargo exercer,
servir de ama e criada
bordar, cortar e coser,
ser o que fosse preciso
naquela casa fazer

Pilheriada e mal vista
repreendida, coitada,
trapilha, suja, indecente
sujeita. presa, odiada
chorosa, magra e sentida
sem confiança de nada

A mulher sua patrão
era uma mulher nefasta
pior que uma fera
era de maldita casta
talvez inda mais carasca
que Alvina sua madrastra

O juiz era um abutre
homem de raça assassina
vivia com dois diabos
a pobre jovem sem sina
se via em apertos que
mil vezes queria Alvina.

Já decorriam dois anos
que nesse aperto vivia
pelos tormentos e mágoas
a Deus chorando pedia
que lhe melhorasse a sorte
olhasse qu'ela sofria

A pouco era chegado
em Milão um mercador
rapaz de vinte e sete anos
um importante senhor
amigo do indigente
um ente admirador

Chamava-se o dito moço
Renato de Aragão
com duas semanas soube
que mesmo ali em Milão
sofria uma inocente
sem pai, sem mãe, sem patrão

Alvorçado partiu
em defesa da donzela
chegando sem muito custo
pôde conversar com ela
porém todo equivocado
tanto achou a moça bela

Lastimou a sua sorte
 por vê-la tão maltratada
 chorou e soluçou muito
 por vê-la assim degredada
 sem um pequeno socorro
 dizia ele: coitada!

Té arrumas, disse Renato
 a caridade eu te faço
 te levo para Veneza
 sem o menor embaraço
 caso contigo e depois
 corto-te a sorte de aço

Senhor rapaz, disse ela
 às suas ordens me vejo
 me tire de tal tormento
 pois é só o que desejo
 só não prometo casar
 pois sou um ser sem lampejo

—Não te allijas, donzela
 que a sorte não te consome
 a alma do justo é farta
 não passa sede, nem fome
 como te chamas, donzela?
 diz-me teu honrado nome

Rosa das Neves Bandeira
 é este meu nome pronto
 tive escola doze anos
 leio bem, escrevo e conto
 desenho, bordo e costuro
 conheço bem qualquer ponto

—Me chamo Renato Dias
 Telemaco de Aragão
 sou mercador, tenho pátria
 em Veneza é meu torrão
 sou solteiro, amo a pobreza
 tenho pai, ele é barão

Ali o sol declinou
 com pouco fez seu acaso
 Renato vendo o crepusculo
 da noite, fechar seu vaso
 disse: te arrumas donzela
 e vamos fugir do caso

Então de tudo baixou
 o sol no além dos ares
 a noite fechou de trevas
 morreu o clarão dos ares
 partiram e depois tomaram
 um barco com dois andares

Chegando então em Veneza
 naquele puro ambiente
 Rosa se deu bem no clima
 daquele torrão excelente
 foi abraçada por todos
 do abastado ao indigente

Pertanto Rosa ficou
 entre o prazer e a riqueza
 contente, casta e querida
 muito hygiene em limpeza
 ela que era bela
 adquiriu mais beleza

(10)

Com quinze dias casou
para seu lar retirou-se
ficou vizinha a seu sogro
de vida fortificou-se
não mais pensava que ainda
do mal perseguida fôsse

Tratemos agora um pouco
da velha lá de Milão
quando a Rosa procurou
que não teve solução
as blasfêmias que ergueu
bem dentro do coração

—Aonde estiveres, monstra
eu saberei te buscar
se no inferno estiveres
eu faço jeito de entrar
se estiveres no céu
nem Deus me pode empatar

Não há douter, não há lei
não há poder, não há fim
que te defenda de teres
um futuro Mel ruim
não há Deus, não há nada
que te guarde contra mim

Com bem um mês retumbou
a noticia com franqueza
que Rosa tinha casado
e que morava em Veneza
ai foi que a traidora
mais bradou com esperenza

-11.-

Passou-se e passou-se tempo
então chegou de Bretanha
uma carta pra Renato
de uma fortuna tamanha
herança de um tio seu
era um cabedal sem manha

Renato se preparou
pra seguir no outro dia
fez ciente a Rosa, que
só com um mês chegaria
mas coitada, já com medo
d'um ataque de agonia

Fez então sua viagem
num saudoso «Deus o leve»
lá de Milão a patrôa
seube da notícia breve
disse: arre que agora
Rosa paga o que me deve

Ajeitou 18 homens
e seguiu com brevidade
e logo a casa de Rosa
era fora da cidade
distante uns dois quillômetros
numa rica e vasta herdade

Chegou bem tarde da noite
falou, Rosa abriu a porta
dizendo: é meu caro espôso
de tudo ali se conforta
mas quando viu a patroa
ficou pelo susto morta

Ali a velha gritou
e os algozes investiram
mataram uma criança
e uma áia que viram
quando ela quis gritar,
foi tarde, a voz lhe impediram

Ali disse aos dois algozes:
Conduzam esta infeliz
para a montanha dos Alpes
no meio dos javalis
desterrem-na para sempre
que lá estará feliz

Ali pegou um papel
fez um escrito a lapis
—Senhor Renato Aragão
a dita negou-te os naipes
tua mulher hoje mora
nas cordilheiras dos Alpes

Me assino Canuta Mendes
Machado da Conceição
vim ver a tua infeliz
vingar-me duma traição
sou a mulher do juiz,
aquela lá de Milão

Ali aprontando a carta
fez revisão e rubricou-a
na mão da criada morta
cinicamente deixou-a
dizendo: velha criada,
não faças serviço à tóa

Então seguiram os algozes
com Rosa para o degrêdo
em caminho um disse: vamos
matá-la em um penedo
pois esta mulher é nossa
vamos matá-la sem medo

Com cinco dias chegaram
no tôpo da cordilheira
nas abas de uma colina
encontraram uma pedreira
tão alta como uma tórre
embaixo uma cachoeira

Então arrastaram Rosa
para o acêrbo lugar
dizendo-lhe: Rosa agora
daqui tu hás de saltar
Rosa chorando pediu-lhes
que a deixasse rezar

Podes rezar, lhe disseram
e Rosa então deu inicio:
Jesus Redentor do mundo
autor de grande edificio
fazei-me livre, Senhor
de tão cruel principio

Redentor, olhai que sou
uma infeliz criatura
me livre ao menos hoje
desta desordem tão dura
o que sou eu, Redentor
caindo de tal altura?

Só vós, Senhor, podereis
livrai-me desta aflição
fazei-me que estes monstros
tenham melhor coração
matai-me de outra morte
mas espedaçada, não

Meu pranto Senhor, bem vêde
que tem sido mui pesado
sofri de minha madrastra
um golpe martirizado
agora por essa velha;
olhai Senhor, meu estado!

Então disseram os algozes:
a sua reza foi vã
portanto venha saltar
ali com todo afã;
deram-lhe ambos nas cruzes
porém caiu firme e sã

Equivocados ficaram
ao verem Rosa firmada
em baixo da catatuba
sem ferimento e sem nada
disseram: vamos descer
matá-la à gume de espada

Chegando lá um ergueu-lhe
o braço com uma espada
para exterminar-lhe a vida
com uma só cutilada
porém o braço ficou
suspenso não desceu nada

O outro vendo o fenómeno
não atendeu a razão
ergueu o braço dizendo:
perdeste Rosa, a ação;
quando deu fé desmaiou
a espada caiu no chão

Então ficaram pasmados
no ato quase uma hora
dizendo: em que artigo
nós iamós caindo agora?
pois esta mulher a Deus
pertence, vamos embora

Partiram os 2 sacripantas
com esta cena em sentido
ficou Rosa sobre a gruta
pensando no sucedido
olhando a grande cascata
de onde tinha caído

Louvando a Deus pela graça
num grande pranto banhada
sem saber o que fizesse
naquela gruta isolada
grávida de uma criança
há quatro meses gerada

Na gruta onde ficou ela
só se ouvia zuar
o vento naquelas abas
com algum pássaro a cantar
e os silvados das cobras
uma balbúrdia entoar

Então disse: já que vim
nestes ermos padecer
é melhor qu'eu daqui saia
procurar o que comer
até que me chegue o dia
de nestes bosques morrer

Saiu a vagar nas serras
como um bicho que pasta
sem rumo, sem direção
ficou na montanha vasta
onde vivia há seis anos
a sua falsa madrasta

Vamos falar dela agora
quando de Milãa fugiu
sem rumo ganhou o mundo
nunca mais ninguém a viu
livrou-se afinal dos homens
porem nos alpes caiu

Fez-se natural dos bosques
comendo folhas e frutas
regosijada da vida
expostas as maiores lutas
morando com as serpentes
nas espeluncas das grutas

Num agregado de pedras
Alvina fez seu pouso
numa caverna medonha
formada a beira dum rio
sombreada por um cedro
velho, possante e macio

Com bem um ano ali mesmo
ela pegou uma anta
com dois meses de idade
criou-a com estima tanta
que com Alvina dormia
numa união quase santa

Passava o dia pastando
sozinha pela campina
Alvina denominou-a
só lhe chamando menina
se acaso pastasse longe
mas só dormia com Alvina

Um dia de muito inverno
Alvina tentou passar
o rio que estava cheio
sem no perigo pensar
desapromou-se nas águas
e mui além foi ficar

Tão longe que não voltou
mas a pedra onde morava
foi viver noutra caverna
melhor do que onde estava
ausente de sua anta
um ente que tanto amava

Ficou a anta sozinha
nos bosques a procurando
tomando rastros e sombras
sua falta lamentando
como a criancinha órfã
que por mãe vive chorando

Voltemos agora a Rosa
a martirizada escrava
de Alvina o leitor
já viu o que precisava
que da corôa de obra
era só o que faltava

Rosa naquele degrêdo
ficou de tudo privada
vagando sobre a montanha
sem esperança de nada
fazendo Alvina tão longe
e ela tão aproximada

Ficou por ali vagando
cheia de tanta marzela
chorando tantos tormentos
que se aproximavam dela
vivía sempre em pedido
e assim exclamava ela:

—Jesus redentor do mundo
olhai minha triste sorte
que faço eu, Salvador
sem guia sem luz, sem norte
nestes desertos medonhos
nos braços negros da morte?!

O' Deus, ouvi meus lamentos
que me suplantam a alegria
sejais meu farol de rumo
qu'eu necessito de guia
sem vós à frente, meu Deus
me perco na travessia!

Nas minhas dores, Senhor
espero a vossa ternura
não fazei-me tão herdeira
dos cofres da desventura
olhai que sou a enferma
que com ânsia pede cura

Já tive pai, já morreu
já tive mãe, já perdi
já me casei, estou só
já no desprezo caí
perante os olhos do mundo
nada mais sou, já morri

Sai das chamas do fogo
caí na boca da frágua
salvei-me da tempestade
joguei-me num vulcão d'água
livrei-me da favorita
sou hoje filha da mágoa!

Perdi pai, perdi marido
sofri muito, fui criada
tenho vida, sou defunta
bebi fel, fui difamada
tenho patria e vivo aqui
oh! meu Deus sou desgraçada!

Sou como a vil borbolêta
que vive sem ser nascida
alma no corpo não tenho
minha existência é fingida
sou como um tronco qualquer
que dá sombra sem ter vida!

No inferno estive prêsa
 um anjo me libertou
 levou-me para seu reino
 depois comigó casou
 botou-me num paraíso
 hoje onde é que estou!

Que vida cheia de dores
 que sorte má revelada
 que dias cheios de prantos
 que alma má recompensada
 que ente desmerecido
 sou eu aqui desterrada!

Adeus meus dias felizes
 da minha inocencia amada
 adeus meu solo paterno
 aonde fui batizada
 adeus meu nobre marido
 vou aqui ser sepultada

Adeus meu caro irmãozinho
 herdeiro dos meus ais
 adeus meu sogro aceitem
 os meus suspiros finais
 adeus meu velho, outra vez
 adeus até nunca mais!

Ali de frente avistou
 uma campina mui vasta
 se dirigiu para ela
 muita abatida e arrasta
 onde encontrou com a anta
 de sua falsa madrastra

Estando sôbre uma árvore
 que na campina grimpava
 lá vinha aquêle animal
 que lentamente marchava
 cheirando rastro por rastro
 que na batida encontrava

Ao ver Rosa, alegrou-se
 por divulgar a figura
 Rosa alarmada gritou
 com a voz estridente e dura
 pensando que fosse fera
 temia a sua bravura

Porém a anta não fez
 a minina comparação
 aproximou-se de Rosa
 com muita mais atenção
 como querendo dizer-lhe:
 venho fazer-te união

Rosa então bradou dizendo:
 vinde meu santo animal
 aliviar minha dor
 e consolar-me do mal
 que eu sou uma pobre espôsa
 perdida do meu casal

Ali a anta deitou-se
 Rosa sentou-se também
 chorando por cima dela
 agradecendo-lhe o bem
 e lembrando a má sorte
 tão cheia de vai e vem

Tantos apertos na vida
que por eles já passei,
tantos que ainda vêm-me
por um decreto de lei
sem pátria, sem lar, sem nada
do meu espôso não sei

Já tive prazer na vida
já sorrir já gracejei
já fui criança mimosa
já fui noiva, já casei,
mas hoje me vejo só
do meu espôso não sei

Tão satisfeita e tranquila
como casada passei
não esperava a chegar
ao ponto que cheguei
sem um pequeno carinho
do meu espôso não sei

Tão rica que fui outrora
e em nada me tornei
tantos arrimos que fiz
quando em casa me achei
hoje, nem para mim tenho
do meu espôso não sei

Me livreí da favorita
mas do mal não me livreí
busqueí a casa dos bichos
e sem a minha fiqueí
hoje não tem quem me chore
do meu espôso não sei

Nestes montes solitários
pra comer ervas'achei,
só o relento da noite
como cobertor ganhei
fazendo das pedras leito
do meu esposo não sei

Me lembro daquele dia
bendito que me casei
daquela alegria quando
do padecer me livreí
hoje só tenho a lembrança
do meu esposo não sei

Já fui Rosa mais de um ano
meu nome nunca manchei
hoje na forma que estou
se perguntarem a meu rei:
—Renato, conheces esta?
ele responde: não sei

Ali olhou para a anta
dizendo: anta estás vendo
estes dois jorros de lágrimas
pelo meu rosto descendo?
são dores de minha alma
que há anos vivo sofrendo

Ali a anta rumou
atravessando a campina
Rosa seguiu-a chorando
o pranto da sua sina
foram ter mão na caverna
aonde morou Alvína

Chegando Rosa na caverna
viu logo rastro de gente
disse: meu Deus, será outra
que a mesma marzela sente?
de indio não é, que o rastro,
eu acho mui diferente

Então percorreu a lapa
mas tudo de velho e frio
pois há 3 meses que Alvina
tinha descido no rio
a anta fez-lhe entender
que era aí seu pouso

Disse Rosa: minha anta
aqui eu fico morando
até quando o Criador
mandar-me o segundo mando
vamos viver nesta lapa
tu sorrindo e eu chorando

Com cinco meses depois
chegou-lhe o tremendo dia
de dar luz uma criança
que concebida trazia
lembrou-se do seu esposo
fruto de amor e valia

Numa aflição dolorosa
e numa dor quase eterna
viviu a pobre inocente
sofrendo com calma terna
só tendo por guia a anta
e por amparo a caverna

Naquele canto profundo
só um alivio encontrava
no grande dia do parto
de dia e noite pensava
sem proteção de ninguém
por esta forma exclamava;

—Redentor pai dos aflites
valei-me nesta aflição
Olhai Senhor, que preciso
da vossa consolação
fazei-me feliz, Senhor
na minha partorição!

Olhai Senhor, os que pedem
nesta quadra amargurada
pedem com muita razão
vossa proteção sagrada
quanto mais uma eu, que
vive aqui abandonada!

Senhor, vós dirá no trouço
para que Rosa se cansa
pois ela já sabe que
sossêgo mais não alcança?
meu senhor a vida é doce
enquanto há vida há esperança

Senhor, fugi do incêndio
e na coivara queimei-me
abandonei minha cama
e nos espinhos dei-me
arrimo Senhor, vos peço
valei-me, Senhor, valei-me!

Nasceu afinal o fruto
herança do matrimônio
ao qual Rosa lhe deu
o digno nome de Antônio
fidalgo pelo progenio
e pelo berço campônio

Reinou em Rosa um prazer
que desmaiou sobre o leito
dizendo: pobre filhinho
vieste sofrer sem jeito
pensava que tua mãe,
morasse num céu perfeito!

Olha meu pobre inocente
tua mãe não tem marido,
tua mãe casou, porém
vive como um cão perdido
mora nesta cordilheira
onde só, foste nascido

Tua mãe, coitada dela
vive sem lar e sem ninho
nas trevas de dia a noite
sem direção sem caminho
ela tão desconsolada
e tu tão consoladinho!

É tua vinda, meu filho
foi para mim uma esmola
uma flor vinda do céu
desbrochando a corola
em vez de eu te consolar
já tu és quem me consola!

Vamos viver nesta lapa
até quando Deus for servido
choramos os nossos prantos
aqui meu filho querido
tu deserdado de pai
e eu também sem marido

Já decorriam três anos
que Rosa ali habitava
uma noite ela sonhou
que seu pai a si chegava
e dizia: Rosa, olha,
e um homem lhe mostrava

Ela via um homem triste
desanimado chorando,
num convento esverdeado
uma garça procurando
com pouco já viu o homem
sorrindo alegre cantando

Ali via uma águia
que sem consolo chorava
com pouco chegava a garça
e com ela conversava
depois a garça sorria,
e com a águia se abraçava

Ali um homem chegava
com uma bolsa na mão,
tomava a garça e a águia
com grande satisfação
uma lebre e uma flor
e tomava direção

Dai a pouco já se achava
o homem numa cidade
libertando um passarinho
que pedia liberdade
trancado numa gaiola
de ferro, e pedra a metade

Então saía com tudo
cantando um hino de amor
chegando noutra cidade
de importante valor
fazia grande festim
e dava batismo a uma flor

Aí Rosa despertou
agitada, traca e fria
dizendo: meu bom Jesus
dai-me boa onirocracia
para eu decifrar hoje
este sonho ou fantasia

Pode até ser que o homem
seja meu espóso amado
e a garça seja eu
ou me acho neste estado
e a flor seja meu filho
meu amor idolatrado

E a lebre talvez seja
esta anta que me abraça
e a aguia seja Alvina
que forçou minha desgraça
e a cidade bem pode
ser Vereza a linda praça

E o verde convento pode
ser este degrêdo agudo
o passarinho é meu mano
que sofre num cárcere mudo
● batizado é a festa
é quando se juntar tudo

Ali disse: meu filhinho
vamos deixar esta iapa
que a vida é um tesouro
e a sorte é um grande mapa
o ente que Deus ajuda
até numa folha escapa

Saiu à orla do rio
a anta a frente tomou
com 10 léguas mais ou menos
um grande monte avistou
era tão longe que a vista
para alcançá-lo faltou

Ali dormiu numa nave
quando a manhã raiou
tornou a rumar ao monte
ao meio dia chegou
mesmo em cima do monte
rastro de gente encontrou

Quando olhou de surpresa
à sua frente lá ia
uma mulher despojada
que quase nada cobria
só uma tanga de embira
era o que ela vestia

Porém Rosa conhecendo
gritou: Alvina Bairão!
que andas fazendo aqui
nesta triste solidão?
ela parou de repente
e Rosa chegou-se então

Alvina bradou: quem és
minha digna camarada?
respondeu ela: sou Rosa
aquela tua entiaida
Alvina deu uma síncope
caiu de dor traspassada

Com duas horas ou mais
Alvina convaleceu
enxergou Rosa e a anta
outra vertigem lhe deu
Rosa chegou-lhe nas ventas
uns ramos ela entendeu

Os perdões foram os maiores
entre todos deste mundo
os suspiros eram tantos
que talvez em um segundo
não dessem só cem suspir os
tal foi o clamor profundo

Então diz Alvina a Rosa:
eu moro ali mais adiante
vamos agora viver
numa união importante
Rosa aceitou e ficou
até unir-se ao amante

Vamos falar nele agora
quando chegou da viagem
que só achou a desordem
e da fortuna a passagem
a sua esposa nos bosques
oh! hora de desvantagem!

A sua criada morta
inda com a carta na mão
o seu filhinho inocente
ali sem vida no chão
e a esposa nos êrmos
morrendo sem remissão

Botou a mão na cabeça
e gritou contrariado:
meu Deus perdi minha esposa
meu Jesus estou desgraçado
meu Redento dai-me 1 jeito
que eu seja disto vingado!

Dali seguiu ao palácio
conversar com o soberano
que fa ver a esposa
o rei cedeu o seu plano
dizendo: quando voltares
dás fim a quem fez o dano

Seus pais ali lhe pedindo
num enternecido pranto
Renato disse: meus pais
não precisam chorar tanto
os bosques vão ser meu leito
a noite há de ser meu manto

Dali regressou à casa
chegando se preveniu
pegou uma grande maça
de muita roupa sortiu
tomando as bênçãs aos pais
botou às costas e partiu

Com sete dias e meio
alcançou a cordilheira
em um pinheiro abrigou-se
ao lado duma clareira
já bem vizinho dos passos
de sua fiel companheira

Ali ficou residindo
quatro anos sem sair
vivendo de caças e frutas
esperando o porvir
passava os dias nos bosques
na árvore vinha dormir

Depois resolveu sair
daquele inculto lugar
porque ali nunca pôde
a sua esposa encontrar
desequilibrado saiu
pegou nos bosques a vagar

Não abrigou-se em mais canto
ficou girando sem sorte
aonde findava o dia
dormia no «Leito Forte»
até que com cinco anos
uniu-se a sua consorte

Um dia quando passava
à sombra de uma palmeira
lá iam duas mulheres
em rumo duma pedreira
ali o viram e de súbito
fizeram logo carreira

Ele chamou-as mas nada
adiante viu-as entrar
num agregado de pedras
e um menino chorar
chegou então à pedreira
e começou a chamar

Ouviu uma voz dizer:
meu bom senhor não podemos
sair à vossa presença
porque despida vivemos
só o negror desta furna
é o vestuário que temos

- Não se apoquem, senhoras
disse tranquilo Renato
eu tenho roupa aqui
que rime este maltrato
pois minha esposa procuro
ando no mundo de fato

Quando Rosa ouviu a voz
do marido zuar em cheio
disse Alvina: é Renato
que hoje buscar-me veio
aí ergueu-se do canto
sem ter o menor receio

Chegando, estava Renato
tirando as roupas da mala
deu um suspiro e ali
abraçou-o mas sem falar
deu-lhe um ataque e caiu
que ele não pôde pegá-la

Oh! alegria estupenda
que maré de lágrimas torrente!
Renato deu um gemido
caiu também de repente
ficando pela emoção
privado completamente

Alvína pra outro canto
chorava desensofrida
tirou as roupas e vestiu-se
porque vivia despida
pegou outra e vestiu Rosa
quando tornou foi vestida

Quando ambos despertaram
Rosa mostrou-lhe o filhinho
que já tinha cinco anos
muito gordo e sacudinho
foi outro ataque de morte
ao ver seu pequenininho

Então sobre veio a noite
dormiram sobre a colina
no outro dia Renato
disse à esposa e a Alvína:
vamos deixar estas serras
vê a sorte em que destina

Rosa então disse: Renato
antes de minha partida
eu quero com todo gosto
fazer uma despedida
mostrando que sou escrava
de quem me poupou a vida

Adeus montanhas divinas
adeus lapa onde morei
adeus primeiro lugar
onde meu pranto enxuguei
adeus aquela cascata.
de onde salva saltei

Adeus primeira caverna
onde chorei desterrada
adeus aquela sombrinha
que repousei fatigada
adeus flores, adeus campo
adeus minha serra amada

Adeus aqueles canários
que cantavam em harmonia
adeus saudoso trinado
dos pássaros ao meio-dia
adeus aqueles grilinhos
que cantavam onde eu dormia

Adeus leões, adeus tigres
que me dispensaram a vida
adeus oh! meus últimos trapos
quem me deixaram despida
adeus serpentes alpinas
adeus que faço partida

Adeus abelhas e mel
sombrias qu'eu descansava
verêdas de javalis
verteantes que me banhava
adeus aquelas frutinhas
que tanto saboreava

Adeus insetos e aves
canário, condor, perdiz
gaivota, garça, coruja
e todos os reptis,
adeus que eu parto daqui
à minha pátria feliz

Adeus oh! dia feliz
adeus meu bendito parto
adeus ervilhas silvestres
capim, glenciana, esparto
adeus minhas tristes lágrimas
adeus que agora eu parto

Adeus colina e vale
com todos os reinos seus
adeus verêdas e montanhas
com todos os rastros meus
adeus meus alpes com tudo
adeus minha lapa, adeus

Terminando a despedida
tomaram rumo afinal
mas pelo Decreto Eterno
que é sobre-natural
foram ter mão em Milão
onde Alvina fez o mal

Para Alvina foi um dia
de eterno sofrimento
mas Renato disse: Alvina
não use de acanhamento
que o crime há de ser hoje
internado em julgamento

Alvina fortaleceu-se
para aquele ativo ato
chegando contou direito
como fez o desacato
e que na morte de Rosa
era inocente do fato

O juiz olhou e disse:
não deves mais esse crime
teu cárcere foi a montanha
onde o culpado se rime
dez anos foram os teus votos
tua prisão foi sublime

Ali soltaram o rapaz
com muita satisfação
porém Renato lhe disse:
senhor juiz de Milão
eu breve aqui voltarei
vingar-me duma traição

Então seguiram viagem
numa alegria estrondosa
quando chegaram em Veneza
a festa foi potentosa
gente de toda paragem
vieram visitar Rosa

Mandou o rei que erguer-se
sobre a cidade um altar
feito de folhas de ramos
pra nele se batizar
Antonio, o filho de Rosa
como havia de chamar

Diz o rei: este altar
pra lembrar seu nascimento
pois entre as folhas nasceu
das selvas tirou sustento
portanto sirva de simbolo
ao filho do sofrimento

Veio o padre e batizou
a fidalga criancinha,
deu-lhe o nome de Antonio
que antes ele não tinha
o monarca affiançou-o
e a monarca foi madrinha

Tinha o rei uma filhinha
um anjinho belo e forte
chamou Antonio e lhe disse:
—has de ter uma boa sorte
quando cresceres te dou
esta filha por consorte

Antes da festa findar
ordenou o soberano:
Renato, voce agora
vá realizar seu plano
mate a velha traidora
que lhe fez tão grande dano

Renato com dez soldados
embarcou para Milão
chegando fez com presteza
do rei a autorização
preparou quatro cavalos
para aquela execução

Pegaram então a malvada
atracaram pés e braços
em 4 bravos cavalos
que já estavam de passos-
ali de súbito partiram
ela em 4 pedaços

Então o povo bradava
em um tom bastante farto
dizendo: bem empregado
isto em ti, maldito parto!
e os cavalos a trote
cada um levou um quarto

Executada a vingança
sem mais demora voltaram
contentes por terem feito
o que da corte levaram
quando chegaram em Veneza
ainda a festa encontraram

Ao cabo de 20 dias
a festa se terminou
Renato com a esposa
nova aventura alcançou
Antonio com 15 anos
com a filha do rei casou

Américo irmão de Rosa
foi um afamado urbano
Alvina ainda casou-se
com um banqueiro troiano
a anta, Rosa e Renato
deram ao grande soberano

Realizou-se o romance
de dolorosos tormentos
não há quem possa esquecer
de Rosa os tristes lamentos
feliz daquele que Deus
vela seus padecimentos

F I M---Juazeiro 01/8/74

A T E N Ç Ã O!

Se O amigo desejar manda fazer seu
Horóscopo porque deseja saber para
que parte deve ir, casamento, viagens,
ramos de negócio, profissões, números,
dias, pedras felizes, épocas desfavó-
ráveis e todo os acontecimentos que lhe
estão sujeitos durante a sua existência?
Basta mandar a data de nascimento
acompanhada de Cr\$ 20.00, a Tip S.
Francisco, rua Sta Luzia 263—Juazei-
ro do Norte-Ce Atendemos urgente,
dinheiro deve vir num envelope com o valor
declarado.

1646

Tip. São Francisco

José Bernardo da Silva

Rua Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

*Mercado S. José-Compartmento N. 7
Recife - Pernambuco*

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

*Café S. Miguel, dentro do Mercado Cen-
tral - Fortaleza - Ceará*

Exclusivo em Natal

ANTONIO EMÍDIO DA SILVA

Rua Cel. Estêvam, 1825 -- Natal-R.G.N

Exclusivo para todo o Pará:

RAIMUNDO OLIVEIRA

*Mercado de Ferro Aparador, 26
Belém - Pará*

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

*Rua Eng. Paulo Lopes, 695-Lote 4
Bangu - Rio - GB*

BANCA TROVAS DO NORTE

Lino Ferreira Neto

Mercado Publico - Santa Inês - Ma

- ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707

Terezina - Piauí